

6. Conclusão

Neste trabalho utilizamos uma base de dados única e rica fornecida pelo LABMA/UFRJ, que nos possibilitou obter informações a respeito de 80% dos segurados das companhias seguradoras que atuam no Brasil. Estas informações não se restringiram somente ao período em que o segurado se encontrava ativo na seguradora, mas também pudemos fazer um acompanhamento do mesmo a partir do momento em que abandonava os seus planos, por meio da concatenação, também realizada pelo LABMA/UFRJ, das informações com a base de dados do CNIS/SISOBI, o que se tornou um grande diferencial deste estudo.

Muito já se estudou sobre a seleção adversa e seus efeitos em planos de seguro ou previdência, como foi destacado na revisão bibliográfica, mas raramente com este enfoque na seleção adversa na saída dos planos. A grande maioria dos artigos nacionais e internacionais encontrados sobre o assunto tratava da seleção adversa na entrada dos planos e, alguns chegaram a levantar questionamentos sobre a seleção adversa na saída, porém nenhum dos autores dispunha de dados que os possibilitassem verificar a presença deste fenômeno, como ocorre nesta dissertação.

A importância desta nova perspectiva de análise é que a saída planejada de um grupo específico, não aleatório, da massa inicial de segurados pode afetar as características médias da mesma, ensejando novos estudos sobre os padrões de mortalidade da população remanescente. Além disso, este estudo tem um forte apelo teórico, indicando fortes evidências de que os segurados realmente possuem informações adicionais não conhecidas pelas seguradoras.

Foram estudados separadamente os indivíduos pelo sexo e pelo tipo que cobertura que possuíam cobertura de morte ou sobrevivência, uma vez que as intenções de uma pessoa que contrata um plano com cobertura por morte é completamente diferente das intenções daquelas que contratam um plano de sobrevivência. Da mesma forma, os indivíduos deixam o seu plano por diferentes motivos, caso a cobertura que possuem seja por morte ou por sobrevivência.

Um seguro com cobertura por morte paga o benefício caso o titular do seguro venha a falecer. Assim sendo, os indivíduos portadores de apólices de seguro com cobertura por morte normalmente estão preocupados com a ocorrência de seu falecimento, fato este que reflete na taxa de mortalidade deste grupo segurado, a qual se situa acima da mortalidade da população geral a que

pertencem (indivíduos de mesmo sexo e idade, independente se possuem algum plano de seguro ou não). Já no caso de um seguro com cobertura por sobrevivência ou nos casos de contratação de previdência complementar aberta, os segurados estão confiantes de que irão sobreviver mais do que seus pares, o que faz com que, em média, as suas taxas de mortalidade sejam mais baixas do que as referentes à população à qual pertencem. Esta diferença nas taxas de mortalidade dos dois grupos foi comprovada pela tábua BR – EMS, elaborada pelo Laboratório de Matemática Aplicada – LABMA, da UFRJ, para cada combinação entre cobertura e sexo separadamente.

Com relação à mortalidade dos indivíduos que deixam um plano com cobertura por morte, ficou comprovado por este trabalho que, independentemente do sexo, as taxas de mortalidade observadas para este grupo são inferiores às taxas do grupo ao qual faziam parte anteriormente. Como exemplo, a expectativa de vida de um homem de 50 anos de idade é de 31 anos, considerando a tábua BR – EMSmt, e de 34 anos, considerando a tábua construída no presente trabalho, para o primeiro período de seleção, conforme pode ser observado no anexo 3.1.

Este resultado apresenta fortes evidências de que, ao cancelar o seu plano de seguro com cobertura por morte, o indivíduo possui alguma informação não perceptível à companhia seguradora, informação esta que diz respeito à sua probabilidade de morte. Esta situação nos remete à existência de uma seleção adversa na saída dos planos com cobertura por morte, que vai ao encontro com o que diz a teoria econômica da assimetria de informações.

A hipótese é a de que tais indivíduos percebam que a taxa cobrada pela seguradora não está de acordo com a expectativa que os mesmos possuem em relação à sua mortalidade e, portanto, deixam o plano por acreditarem que aquele grupo ao qual faziam parte é composto por indivíduos menos saudáveis, ou seja, com maior probabilidade de morte. Ressaltamos que, no caso de um seguro com cobertura por morte, quanto mais alta a probabilidade de morte, maior será o preço do seguro.

Quando analisamos a cobertura por sobrevivência, o resultado encontrado foi em sentido contrário ao apresentado anteriormente para o caso da cobertura por morte, ou seja, as taxas de mortalidade das pessoas que abandonaram os seus planos foram superiores às taxas do grupo remanescente, representadas pela tábua BR-EMSsb, para o sexo masculino, sendo que a diferença nas taxas para a sub-população do sexo feminino só foi significativa entre as idades de 50 e 70 anos e somente para o 1º e 4º período. Os resultados neste caso foram em

sentido contrário aos dos da cobertura por morte devido à diferença entre os objetivos das pessoas ao contratarem um plano com cobertura por morte ou sobrevivência, e conseqüentemente, na diferença de propósitos ao abandonarem tais planos.

O fato de as taxas de mortalidade dos indivíduos que abandonam os seus planos ser superior à do grupo inicial nos traz fortes indícios de que, também neste caso, tais indivíduos possuem informações adicionais a respeito da sua sobrevivência não observáveis à seguradora, o que faz com que os indivíduos que se avaliam menos saudáveis deixem seus planos. Mais uma vez constata-se a presença de assimetria de informações, na forma de seleção adversa.

Uma suposição que pode ser feita para justificar o comportamento não aleatório deste subgrupo de segurados é a de que tais indivíduos tenham sido acometidos por doenças graves e que, portanto, necessitassem resgatar as suas reservas para cobrir as despesas com o tratamento, ou até mesmo para usufruírem deste direito no presente, e não no futuro, que é o propósito de um plano de previdência.

Além das evidências que nos levam a aceitar a presença da seleção adversa nas saídas dos planos, outro resultado interessante diz respeito ao comportamento das taxas de mortalidade quando as mesmas são analisadas para cada ano após o indivíduo ter abandonado o seu plano de seguro. Para a cobertura por morte, em ambos os sexos, encontramos fortes evidências que comprovam o que diz a teoria econômica, ou seja, o 1º ano de seleção apresentou uma taxa de mortalidade bem abaixo da taxa do grupo remanescente, o 2º apresentou taxas ainda menores, sendo que, a partir do 3º ano estas taxas começaram a apresentar uma tendência de retorno ao patamar do grupo inicial. Esperávamos que no 4º ano as taxas já tivessem retornado completamente a este patamar, porém isto não ocorreu. Acreditamos, então, que o período de 4 anos de análise seja insuficiente para verificarmos a completa volta das taxas ao mesmo nível do grupo remanescente.

Com relação à cobertura por sobrevivência, devido ao pequeno número de dados, não foi possível observarmos o padrão esperado para o comportamento das taxas de mortalidade para cada período de seleção.

A saída não aleatória de um subgrupo específico pode alterar as taxas de mortalidade do grupo remanescente, sendo que o impacto causado irá depender da cobertura a qual está sendo analisada. No que se refere à cobertura por morte, a saída não aleatória de participantes que possuem uma taxa de mortalidade abaixo da taxa do grupo ao qual pertenciam faz com que a taxa

média deste grupo se eleve. Como em um seguro de vida os custos da seguradora estão diretamente relacionados com probabilidade de morte dos participantes, isso faz com a mesma tenha que rever as suas projeções de reservas e provisões para fazer frente aos novos riscos futuros.

Quanto à cobertura por sobrevivência, a taxa média do grupo remanescente sofre um decréscimo com a saída de um subgrupo específico que possui taxas de mortalidade mais altas. Isto representa um risco para as companhias seguradoras, uma vez que um dos maiores riscos em um plano de previdência é a longevidade dos seus integrantes. Assim sendo, é importante que se tenha conhecimento de tal fato para que possam ser tomadas as devidas providências que garantam a solvência das seguradoras.

Na revisão bibliográfica levantamos a questão da chamada “death spiral”, que é a saída sistemática de determinado grupo de indivíduos de um plano de seguro, acarretando na falência do mesmo. É uma situação extrema, cuja existência não foi constatada por este trabalho. Por outro lado, ficou constatado que as causas de tal fenômeno realmente existem já que constatamos fortes evidências de que os segurados realmente possuem informações adicionais a respeito de sua expectativa de vida não observáveis às companhias seguradoras, informações estas que os fazem tomar decisões sobre sua permanência ou não no plano de seguro contratado.

A seleção adversa nas saídas dos planos ainda é muito pouco estudada, principalmente no Brasil. Acreditamos que este trabalho é um importante ponto inicial que servirá de incentivo para novos estudos sobre o assunto. Uma sugestão para trabalhos futuros seria a elaboração de uma penalidade justa aos desistentes dos planos e a verificação do real impacto causado nas projeções das seguradoras. Além disso, novas informações a respeito dos segurados no Brasil são recebidas a cada ano, então repetir o presente trabalho, considerando essas novas informações e mais anos para o período de seleção, contribuiria para a comprovação dos resultados esperados.